

32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

G T 30 - Pensamento Social no Brasil

As metáforas alimentares na obra de Gregório de Matos

Claude G. Papavero
Dra. em Antropologia Social
Pela FFLCH-USP.

Resumo

Os hábitos alimentares inspiraram metáforas e metonímias a Gregório de Matos, poeta seiscentista, cujos versos satíricos ou burlescos, compostos entre 1683 e 1694, alvoroçaram a elite soteropolitana a ponto de continuarem a circular em Salvador e no Recôncavo baiano, cópias dos poemas mesmo depois do embarque forçado do autor para Angola. Apesar de clichês, provérbios e referências cultas a versos de poetas europeus figurarem na obra, Matos se valeu das práticas alimentares sobretudo para ridicularizar inimigos pessoais ou segmentos da sociedade local, que lhe pareciam agir de forma inadequada. Suas alusões sarcásticas ou irônicas (tropos facilmente decifrados pelos ouvintes) contextualizaram o pensamento colonial seiscentista, ao delinear um modo específico de conceber o mundo fundamentado no pertencimento à religião católica, nos valores da honra e na obediência aos preceitos da medicina hipocrática.

Palavras chave: Metáforas poéticas; Gregório de Matos; História da alimentação; Antropologia da alimentação.

Gregório de Matos Guerra, filho e neto de colonos portugueses, nasceu em Salvador, capital do Brasil colonial, em 20 de dezembro de 1636¹. Em 1650, quando ele tinha de treze para quatorze anos, seus pais o mandaram estudar em Lisboa. Ao cabo de dois anos de estudos preparatórios, ele ingressou na Universidade de Coimbra e, em 1661, munido de um diploma em Direito, desposou a filha de uma família de letrados e de magistrados influentes, iniciando uma carreira promissora de advogado e de juiz. Por ocasião da deposição de D. Afonso VI, da anulação eclesiástica do casamento desse rei com Maria Francisca Izabel de Sabóia, e do enlace de D. Pedro II, o novo rei, com a ex-cunhada, ainda virgem, os conselhos judiciosos do poeta foram muito apreciados na Corte. O hábito de versejar e a mordacidade das sátiras que ele divulgou, entretanto, parecem ter-lhe causados problemas (bem como sua recusa da tarefa de investigar as contas do poderoso governador do Rio de Janeiro). Enviuvando em tais circunstâncias, suas esperanças de promoção na carreira da magistratura minguaram. Em 1682, ele conseguiu obter um cargo de desembargador na Relação eclesiástica soteropolitana que estava sendo criada e decidiu voltar à terra natal. Mas, já em maio de 1683, ele foi demitido por sua conduta excessivamente desenvolva em relação às mulheres. Atingido nas expectativas de segurança material e cioso do respeito que julgava merecer por sua formação acadêmica, Gregório de Matos passou então a elaborar versos que fizeram furor e lhe asseguraram um lugar de destaque na sociedade colonial. Remorsos pela renúncia à vida religiosa, todavia, devem ter ficado em sua memória, como sugerem os versos de um poema composto durante a permanência no convento do Carmo:

¹ PERES, Fernando da Rocha. Gregório de Mattos Guerra – uma re-visão biográfica. Salvador, Macunaíma, 1983.

“Esta vida religiosa / tão sossegada e segura / a tôda boa alma apura, / afugenta a alma viciosa: / há cousa mais deliciosa, / que achar o jantar e almoço / sem cuidado e sem sobrosso / tendo no bom, e no mau ano / sempre o pão cotidiano / e escusar o Padre nosso! // Há cousa como escutar / o silêncio que a garrida / toca depois da comida / para cozer o jantar! / há cousa como calar, e estar só na minha cela / considerando a panela, / que cheirava, e recendia / no gosto de malvasia na grandeza da tigela! // Há cousa como estar vendo / uma só Mãe religião / sustentar a tanto Irmão/ mais ou menos Reverendo!”².

Algumas paixões não correspondidas, um casamento com uma viúva pobre de boa família e o nascimento de dois filhos lhe trouxeram alegrias e muitos dissabores. A falta de recursos para sobreviver dignamente e a inveja de vários letrados e autoridades locais caricaturados em poemas que oscilaram da ironia leve à virulência extrema colocaram-no afinal em rota de colisão com um governador da colônia e ele foi remetido para Angola em 1694, para evitar que fosse morto por um dos filhos da autoridade insultada.

Os poemas que ele compôs entre 1683 e 1694, o tempo de sua permanência na terra, se amoldaram às características da arte de sua época e abordaram um elenco variado de inspirações. Por vezes, Matos, enveredou pelos temas clássicos que demonstravam a erudição e a perícia de poetas seiscentistas e propôs aos ouvintes versos ornamentados com insultos convencionais como aqueles que endereçados a um desembargador venal: *“sobejar-lhe à na mesa vinho e pão”³*, ou ainda com citações cultas: *“Bebi e não matei a sede, / porque no inferno de amar / fui Tântalo, cuja pena, / o beber acende mais”⁴*.

Noutras ocasiões, suas poesias resvalaram para o âmbito de uma oralidade enxertada de trocadilhos jocosos, imagens grotescas e estribilhos que remetiam à música, tais como: *Boa asneira* ou *Ponto em boca*. Os usos e costumes alimentares da população colonial, procedimentos que todos conheciam, serviram-lhe recorrentemente de referência para proferir alusões que a população local decifrava sem grandes dificuldades:

² MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 235 a 237.

³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1387.

⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 926.

*“o Hermanito / viu que o parto era vinhaça: / chorou tão grande desgraça / a triste Macotinha, / vendo, que a sua Madrinha / ao botar o tal monstrinho / parira como com vinho, / porém não como convinha”*⁵.

*“É grande coninbricense, / sem jamais pôr pé em Coimbra, / e sendo ignorante sabe / mais que galinha”*⁶.

Nos versos do autor, metáforas referentes a bebedeiras ou a práticas alimentares não foram as únicas fontes de comparação provenientes do cotidiano que traduziram mensagens de alcance moral e tentaram impedir as mudanças nas interações sociais que afrontavam as hierarquias sociais sedimentadas ao longo do processo de ocupação da terra por lavradores lusos. Termos náuticos ou termos usados em jogos de cartas também subsidiaram a criação de tropos engenhosos, destinados a um público que conhecia a maneira local de conceber a vida e entendia de imediato o significado simbólico das alusões concretas. Por vezes, as metáforas alimentares alinhavaram apenas brincadeiras, porém, no mais das vezes, elas caracterizaram situações críticas e resvalaram para o âmbito dos duplos sentidos obscenos, que pareciam divertir tanto os homens soteropolitanos.

De forma que, quando Matos foi sumariamente despachado para Angola, em 1694, proibido de jamais retornar à Salvador, diversos apreciadores de sua arte recolheram poesias que circulavam em Salvador, copiaram-nas em manuscritos apógrafos e preservaram-nas. O conjunto da obra creditada ao poeta continha um vasto registro de temas, de estilos e de tipos de versos ou de rimas. À inspiração lírica sacra e aos versos de elogios ditirâmicos dedicados às autoridades, justapunham-se poesias de lirismo amoroso e outras de intenção burlesca, que, mesmo não sendo isentas de críticas, celebravam o estilo de vida ocioso dos soteropolitanos de boa cepa. Semelhantes poesias retrataram correntemente o viés erótico que marcava o convívio dos homens da colônia com mulheres de condição social inferior. Mesmo que Matos se pautasse em procedimentos de versificação usuais na obra do poeta espanhol Francisco de Quevedo (- 16), foram principalmente alusões a eventos ou a hábitos locais que lhe ocorreram para defender seus pontos de vista. Nos termos de semelhante veio burlesco ele se empenhou , por exemplo,

⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 628.

⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p.283.

em ridicularizar a sonoridade estranha dos nomes de objetos que os índios fabricavam e dos ingredientes pouco nobres que figuravam na dieta alimentar nativa:

“Indo á caça de tatus...// De massa um tapiti, / um cofo de Sururus, / dois puçás de Baiacus, / Samburá de Murici: / Com uma raiz de aipi / vos envio de Passé, / e enfiado num imbé / Guaiamu, e Caiaganga, / que são de Jacaracanga / Bagre, timbó, Inhapupê. // Minha rica Cumari, / minha bela Camboatá / como assim de Pirajá / me desprezas tapiti: / não vedes, que murici / sou dêsses olhos timbó / amante mais que um cipó...”⁷.

Talvez, sua situação financeira precária tenha incentivado Gregório de Matos a comprovar maestria acadêmica por meio de um amplo registro de estilos de versificação. Todavia sua arte poética parece ter sido apreciada, sobretudo, por criar metáforas que retratavam as práticas coloniais e por dar voz ativa às queixas da sociedade soteropolitana. O favor que acolheu os poemas revelava que o autor não era o único homem a se insurgir contra os diferentes tipos de arrivistas que, apesar de não possuírem *sangue limpo*, nutriam ambições sociais consideradas ultrajantes pela nobreza da terra. Havia então na colônia um contingente notável de descendentes de mouros e de cristãos novos, de artesãos que viviam de trabalhos manuais considerados degradantes e ainda um contingente crescente de população mestiça alforriada que pretendia melhorar suas condições de vida. No conjunto dos versos singularizou-se, por conseguinte, um acervo conseqüente de sátiras empenhadas em criticar infrações às normas estabelecidas pelos primeiros colonizadores. No último quartel do século XVII, período conturbado em virtude da queda dos preços do açúcar no mercado internacional, os senhores de engenho e os lavradores de canas que residiam nas capitâneas nordestinas perderam parte de seu poder de interferência nas decisões locais, ao mesmo tempo que os comerciantes portugueses passaram a desfrutar de privilégios econômicos, outorgados pela corte lisboeta. As elites locais passaram então a depender de modo crítico de mercadores monopolistas que impunham preços tão aviltados ao açúcar:

“Triste Bahia! Oh quão dessemelhante / Estás, e estou do nosso antigo estado! / Deste em dar tanto açúcar excelente / Pelas drogas inúteis, que abelhuda / simples

⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, pp. 1147 e 1148.

*aceitas do sangaz Brichote*⁸. // *Oh se quisera Deus, que de repente / Um dia amanheceras tão sisuda / Que fôra de algodão o teu capote!*⁹.

O termo mazombo, com o qual o poeta designou por diversas vezes sua própria identidade de filho de portugueses nascido no Brasil, uma denominação africana utilizada para diferenciar os brancos locais dos crioulos, filhos de africanos nascidos na colônia, aparentava sublinhar uma certa coesão das elites locais em torno de questões cruciais de administração colonial, a despeito de Evaldo Cabral de Mello assinalar o viés pejorativo do termo, resultante da perda de poder e dos conflitos que opuseram, em Pernambuco, lavradores locais endividados aos comerciantes lusos, ditos mascates, favorecidos pela metrópole em suas reivindicações de maior poder político¹⁰.

Ressaltou, portanto, na obra de Gregório de Matos, um contraste entre versos burlescos levemente irônicos, que preconizavam um estilo de vida, e um sem número de versos mordazes que desqualificavam inimigos pessoais do autor e colonos que desrespeitavam os parâmetros de uma colônia idealizada. Censor da integridade dos usos e costumes, Matos se valeu de noções associadas ao consumo de alimentos e das emoções despertadas pelos hábitos alimentares para traduzir em termos cotidianos sua defesa da moralidade pública. A versificação de metáforas engenhosas e cultas à moda européia, propostas à astúcia dos leitores ou dos ouvintes dos poemas, não o impediram de buscar inspiração nos hábitos do dia-a-dia soteropolitano.

Na obra do autor, entretanto, muitos versos de inspiração sacra ou satírica, compostos segundo as regras da composição poética e referindo temas clássicos, não aludiram a hábitos alimentares específicos:

“À vossa mesa divina / como poderei chegar-me, se é triaga da virtude, e veneno da maldade? / Como comerei de um pão, / que me dais porque me salve? / um pão que a todos dá vida, / e a mim temo que me mate. / Como não hei de ter mêdo de um pão, que é tão formidável / vendo que estais todo em todo, / e estais todo em

⁸ Segundo a definição do Dicionário da língua portuguesa de Moraes: “*Brichote: nome que por desprezo se dá aos estrangeiros*”. Segundo Hansen,: corruptela de British.

⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 428.

¹⁰ MELLO, Evaldo Cabral de.

qualquer parte?/ Quanto a que o sangue vos beba, isso não, e perdoai-me: / como quem tanto vos ama, / há de beber-vos o sangue?”¹¹.

A busca de rimas segundo os preceitos da arte poética ibérica resultou, por vezes, no enxerto de frases feitas ou de provérbios conhecidos que multiplicavam os clichês: “*Amor manjar que não enfastia*”¹², “*a pipa é prisão do vinho e da água fugitiva*”, “*a casca é prisão das frutas*”, ou ainda, “*A galinha põe os ovos e põe os cornos a puta*”¹³. Noutros poemas os fatos mencionados, mesmo correspondendo a usos alimentares portugueses como o hábito de dar alho às vítimas de queimaduras, resvalavam para o âmbito das banalidades: “*Que alguém que aqui se consome / com a sátira abundante, / diga, que está mui picante, / mas quem se queima alhos come*”¹⁴.

Por vezes ainda, poemas de intenção jocosa propunham situações tornadas cômicas pelo caráter absurdo das imagens que sugeriam e contribuía pouco ao conhecimento das práticas alimentares soteropolitanas:

“Levou um livreiro a dente / de alfaces todo um canteiro, / e comeu, sendo livreiro, / desenquadradamente: / porém eu digo que mente, / o que nisso o quer culpar; / antes é para notar, / que trabalhou como um Mouro, / que o meter folhas no couro / também é enquadrar”¹⁵.

Porém, nas queixas contra males que afetavam a capital do Brasil, sarcasmo e ironias expressavam freqüentemente uma esperança utópica de restaurar a moralidade pública. Ora o poeta comentava com certa ousadia: “*O ladrão mata a porcada e o Fisco come os presuntos*”¹⁶, ora ele aconselhava ironicamente: “*Furte, coma, beba, e tenha amiga, / Porque o nome d’El-Rei dá para tudo, / A todos que trazem El-Rei na barriga*”¹⁷.

Alusões à ingestão de gêneros comestíveis representaram maneiras inadequadas de lidar com os bens materiais. Alimentos e hábitos alimentares permitiram ao poeta descrever metaforicamente vícios e atitudes pecaminosas como a ambição desmedida: “*Que os tais*

¹¹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, pp. 49, 105 e 107.

¹² MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1227.

¹³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 337.

¹⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 509.

¹⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1220.

¹⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 366.

com gula que espanta, / se o mundo fôra guisado / o comeram de um bocado”¹⁸. Desejos extremados de prestígio também mereceram censura em seus versos:

*“Mas que o pobre que não tem, / que comer, ou que gastar, / nem tem sangue, nem solar, / seja soberbo também: / que não tenha um só vintém, / e se inche como pirum, / conhecendo cada um, / que fora a Mãe taverneira! Boa asneira”*¹⁹.

Os esforços de certos homens para acumular riquezas o incomodaram ainda: *“Que andem com melancolia / sem comer e sem cear / para poder ajuntar / todos cheios de lazeira! / Boa asneira”*²⁰. A dilapidação dos recursos também não mereceu seus elogios: *“sem ter um par de vinténs: / que padecendo vaivens / gastem tudo como tolos, / e em bolos e bolinhos / despejem sua algibeira! / Boa asneira”*²¹. *Boa asneira* também foi emprestar dinheiro a colonos que não tinham nenhuma intenção de fazê-lo frutificar: *“que o credor cuide contente / que bem empregado está, / estando o dinheiro já na casa da confeitadeira!”*²².

Matos caricaturou os procedimentos de indivíduos ou de categorias de indivíduos que extrapolavam os limites convenientes, enfatizando, por exemplo, um elenco inaceitável de atitudes de diversos clérigos. Não era contra a religião propriamente dita que ele se insurgia, porém, contra a hipocrisia de muitos membros do clero: *“Se virdes um Dom Abade / sobre o púlpito cioso, / não lhe chameis Religioso, / chamai-lhe embora de Frade”*²³. Para criticar inimigos ele até alegou que esses sacerdotes costumavam: *“roubar as rendas do Convento / para acudir ao sustento da puta”*. Um de seus principais desafetos, um primo que, ao que parece, o teria prejudicado junto ao arcebispo, fez jus a uma descrição particularmente feroz de hábitos alimentares:

“O Padre papa jantares, / hóspede tão importuno, / que para todo o banquete / traz sempre de trote o bucho: / Professo da providência, / que sem lograr bazaruco, / para passar todo um ano / nem dois vinténs faz de custo: / Que os amigos o sustentam, / e lhe dão como de juro / o jantar, quando lhes cabe / a cada qual por

¹⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1387.

¹⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 507.

¹⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 494.

²⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 492.

²¹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 496.

²² MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 507.

seu turno / Essa vez, que tem dinheiro, / que é de sete em sete lustros: / três vinténs com um tostão, / ou dois tostões quando muito: / Com um vintém de bananas, / e de farinha dous punhos, / para passar dia, e meio / tem certo o pão e conduto: / Lisonjeiro sem recato / adulator sem rebuço, / que por papar-lhe um jantar / de um sacristão faz um Núncio: / De um Tambor um General / um Branco de um Mamaluco / de uma senzala um palácio, / e um galeão de um pantufo. / Em passando a ocasião, / tendo já repleto o bucho, / desanda co'a taramela, / e a todos despe de tudo: / Outro sátiro de Esopo, / que com o mesmo bafo astuto / esfriava o caldo quente, / e aqueitava o frio punho”²⁴.

Outro padre que declinou a proposta de se tornar capelão em Angola foi degradado para a África, a pretexto de insubordinação. Matos, versejando o caso, sugeriu um cardápio irônico de “pão preto e vinho branco”²⁵ para essa viagem, assinalando ainda:

“Aqueitou muito a História / sobre outras ações velhacas / ter-lhe aborcado as patacas / o magano do Chicória: / mas sendo a graça notória, / diz o padre na estacada, / que ficarão a pancada, / quando um, e outro desfeche / se o Loureiro de escabeche, / o Chicória de selada”²⁶.

Descender dos indígenas aliados dos portugueses, cujos préstimos tinham auxiliado os primeiros colonizadores a conquistarem a terra, não constituía de forma alguma uma situação desonrosa. Matos, entretanto, tratava desdenhosamente os descendentes do Caramuru: “*Sem mais Leis que as do gôsto quando erra, / de Paiaíá virou-se em Abaeté. // Não sei, onde acabou, ou em que guerra, / Só sei, que deste Adão de Massapé, / Procedem os fidalgos desta terra*”²⁷. Para desqualificar semelhantes elites, ele recorria aos ingredientes da dieta alimentar indígena:

“Há cousa como ver um Paiaíá / Mui prezado de ser Caramuru, / Descendente de sangue de Tatu, / Cujo torpe idioma é cobé pá. // A linha feminina é carimá / Moqueca, pititinga, caruru / Mingau de puba, e vinho de caju / Pisado num pilão de

²³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 8.

²⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 278 e 279.

²⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 299.

²⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 299.

²⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 841.

Piraguá. // A masculina é um Aricobé / Cuja filha Cobé um branco Pai / Dormiu no promontório de Passé // O Branco era um marau, que veio aqui, / ela era uma índia de Maré / Cobé pá, Aricobé, Cobé Pai”²⁸.

Por vezes, as insinuações inseridas nos versos se faziam extremamente pérfidas:

*“Tenha embora um Avô nascido lá, / Cá tem três para as partes do Cairu, / Chama-se o principal Parauaçu / Descendente este tal de um Guinamá. // Que é fidalgo nos ossos, cremos nós, / Que nisto consistia o mor brasão / Daqueles, que comiam seus avós”*²⁹.

A vida pública e privada de dois Governadores considerados ineptos ou corruptos também foi esquadrinhada e criticada nos poemas. O primeiro, por sua falta de diplomacia e sua avidez pelas riquezas que os colonos possuíam, mereceu o repúdio de uma grande parte da população soteropolitana e foi chamado de volta a Lisboa, antes mesmo do término do mandato. Para melhor desmerecê-lo o poeta recorreu às metonímias, singularizando em seu aspecto físico elementos particularmente desabonadores, como a magreza extrema, que lhe sugeriram comparações ferinas:

*“O que te vir ser todo rabadilha / Dirá, que te perfilha / Uma quaresma (chato percevejo) / Por Arenque de fumo, ou por Badejo: / Sem carne, e osso, quem há ali, que creia, / Senão que és descendente de Lampreia”*³⁰.

O uso de semelhantes metonímias, um procedimento de linguagem corrente na arte poética seiscentista, possibilitou a Matos ridicularizar desafetos através do recorte de elementos corporais que permitiam elaborar representações caricaturais extravagantes. De certo colono, cuja mesquinhez o irritava, o poeta chegou, aliás, a afirmar: *“Vosso pai vos amassou, / porém com miséria tanta, / que temeu a natureza, / que algum membro vos faltara. / Deu-vos tão curto o nariz, que parece uma migalha”*³¹.

²⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 840.

²⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 842.

³⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 157.

³¹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1309.

O segundo governador criticado por Matos não era tão odiado pela população colonial, mas ele não admirava o poeta e se recusou a apoiar um pedido de pensão real por serviços prestados, que lhe permitiria viver decentemente em companhia da esposa e dos dois filhos. Matos se atreveu a atacar seriamente a honra desse homem:

“Ora vamos a farinha, / foi pouca, cara, e ruim: / mas vós não sois sol, nem chuva / para a haver de produzir. / Eu confesso, que houve fome, / governando vós aqui, / sois mofino, e por contágio / ficou mofino o Brasil. / Ser mofino não é culpa, / a fortuna o quer assim: / quem é mofino consigo, / cos mais há de ser feliz? / Não vos mandou governar / El-rei farinhas aqui, / as carnes nem os pescados, / porém a fôrca isso sim”^{32/33}.

*“Se fosse El-Rei informado, / de quem o Tucano era, / nunca à Bahia viera / governar um povo honrado: / mas foi El-Rei enganado, / e eu com o povo o paguei, / que é já costume, e já lei / dos reinos sem intervalos, / que pague o triste vassalo / os desacertos de um Rei.”*³⁴.

Mas os governadores não foram as únicas autoridades criticadas. Vereadores da Câmara Municipal também receberam acusações motivadas pela má condução da colônia:

*“a frota tudo abarrota / dentro nos escotilhões / a carne, o peixe, os feijões, / e se a Câmara olha, e ri, / porque anda farta até aqui, / é cousa que não me toca; / Ponto em boca // [...] mas tenho por mais inteiro /o conselho, que reparte / com igual mão, igual arte / por todos, jantar e ceia, / mas frota com a tripa cheia, / e povo com a pança oca! / Ponto em bôca. // A fome me tem já mudo, / que é muda a boca esfaimada; / mas se a frota não traz nada, / porque razão leva tudo? / [...] o lastro que traz de areia, / por lastro de açúcar troca! / [...] Quem o açúcar lhe dá, / perde a caixa e paga o frete, / porque o ano não promete / mais negócio que perder / o frete, por se dever, / a caixa porque se choca...”*³⁵.

³² MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 198.

³³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 216.

³⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 202.

³⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 435 a 437.

“Se notais ao mentecapto / a compra do Conselheiro, / o que nos custa dinheiro / isso nos sai mas barato: / e se da mesa do trato, / de bôlsa, ou da companhia / virdes levar Senhoria / mecânicos deputados; / crede, que nos seus cruzados sangue esclarecido mora”³⁶.

Todos os funcionários reais podiam, eventualmente, ceder à tentação do dinheiro. Matos não deixou de vituperar a avareza dos meirinhos, denominação dos oficiais de justiça, e o costume de soldados que sujam as mãos ao praticar negócios escusos:

“Porque em casa de um meirinho / nas suas arcas e armários / é quaresma tôda a vida e tẽmporas³⁷ todo o ano. / Não posso comer ratinhos, / porque cuido e não me engano, / que de meu amo são todos / ou parentes ou paisanos. / Porque os ratinhos do Douro / são grandissíssimos velhacos: / em Portugal são ratinhos / e cá no Brasil são gatos”³⁸.

“Quem faz os círios mesquinhos? Meirinhos / Quem faz as farinhas tardas? Guardas / Quem as tem no aposento? Sargentos. // Os círios lá vêm aos centos, / e a terra fica esfaimando, / porque os vão atravessando / Meirinhos, Guardas, Sargentos”³⁹.

“porque sois tão mau cristão, / que o que vos custa um tostão, / vendeis por duzentos réis // [...] / sobre perder a queijeira, / em que ganhais quatro reis, / virão os Almotacéis, / meter-vos na Leoneira. // [...] / Se os paios tão podres são, / quando vo-los pede alguém, / quando os vendeis muito bem, / como é cada qual tão são? / [...] / pois, sois na verdade tal, / que gabando-os sem sal / no-los vendeis bem salgados. / [...] / pôde nunca a diligência / do Alferes vosso parceiro / tirar do vosso fumeiro / um fole de pestilência. // [...] / Sôbre a partida dos queijos, / que vós intenteis comprar, / me dizem, que eis de ganhar mais do que quatro percevejos: / creio, que dêstes sobejos / tirareis ganância boa, / com que honreis

³⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 473.

³⁷ Segundo o Diccionario da língua portugueza de Moraes: as Tẽmporas eram dias de jejum praticados em cada uma das quatro estações do ano..

³⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 456 e 457.

³⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 32.

*casa, e pessoa; / mas tenho o meu pesarzinho / de ser mercador ratinho, quem é filho de Lisboa. // Quanto ao outro negocinho / da frasqueira rosa soles, / que intenteis vender aos goles / a frasquinho por frasquinho: / tirareis tal coscorinho / deles, como de um crisol / [...] / má cousa, Senhor Tenente”*⁴⁰.

Negociantes lusos e comerciantes locais que trabalhavam no atacado ou no varejo, despertavam-lhe ascos virulentos. A saga de um João Ninguém enriquecido na colônia que relutava em se dobrar às restrições adequadas à condição social de origem era, em seus poemas, um motivo para iras incomensuráveis expressas, sobretudo, por meio de alimentos:

*“Salta em terra, toma casas, / arma a botica dos trastes, / em casa come Baleia, / na rua entoja manjares. / Vendendo gato por lebre, / antes que quatro anos passem, / já tem tantos mil cruzados, / segundo afirmam Pasguates”*⁴¹. */ Começam a olhar para êle / os Pais, que já querem dar-lhe / Filha e dote porque querem homem, / que coma e não gaste”*⁴².

*“Que se despache um caixeiro / criado na mercancia / com fôro de fidalguia / sem nobreza de Escudeiro! / e que a poder de dinheiro, / e papeis falsificados / se vejam entronizados / tanto mecânico vil, / que na ordem mercantil / são criados dos criados!”*⁴³.

*“que ande pois a fidalguia / vendida assim por dinheiro, / como trigo no terreiro, / só porque há nisso vangloria! Boa história // [...] Que alguns tanto por seu mal / vistam (por não ser comuns) / de altos, e ricos tissuns, / destruindo o cabedal; / que com porfia fatal / se mostram nisso empenhados, / sendo à noite os seus guisados / azeitonas, e chicória! / Boa história”*⁴⁴.

⁴⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 392 a 395.

Segundo o Dicionário da língua portuguesa: “*Almotacé ou almotacel*: Juiz eleito pela Câmara, que tem inspeção sobre pesos, medidas, preços dos víveres, limpeza da Cidade e outros objectos de Polícia”. “*Coscorinho*: Pecúlio, dinheiro junto, mealheiro”. (A Leoneira e o Limoeiro eram prisões lusas).

⁴¹ Termo não encontrado no Dicionário da língua portuguesa de Moraes.

⁴² MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 430 e 431.

⁴³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 907.

O desprezo do poeta pelos mestiços e pelos descendentes de camponeses ou de artesãos vivendo de atividades manuais acrescia à ignomínia: *“Compre tudo, e pague nada, / deva aqui, deva acolá / perca o pejo, e a vergonha, / e se casar, case mal. / Com branca não, que é pobreza, / trate de se mascarar; / vendo-se já mascarado, / arrime-se a um bom solar”*⁴⁵.

*“Se hoje vos fala de perna / quem ontem não pôde ter / ramo, de quem descender / mais que o de sua taverna: / tendes paciência interna, / que foi sempre D. Dinheiro / poderoso Cavalheiro, / que com poderes iguais / faz iguais aos desiguais, / e Conde ao vilão cad’hora. / Entendeis-me agora?”*⁴⁶.

*“Para o bêbado mestiço, / e fidalgo atravessado, / que tendo o pernil tostado, / cuida que é branco castiço: / e de flatos enfermiço / se ataca de jeribita, / crendo, que os flatos lhe quita, / quando os vomita em retornos: / seis cornos”*⁴⁷.

As metáforas geradas em função de hábitos alimentares não se limitaram a comparações envolvendo formas repreensíveis de aquisição de dinheiro. A comida que nutria os corpos também proporcionou ao poeta um instrumento estupendo para falar de outros apetites, como a luxúria, e para brincar, por meio do riso, com formas de interação social e de intercurso sexual que uniam diversas categorias de soteropolitanos e de soteropolitanas sem, todavia, anular as distâncias sociais que separavam as diversas condições pessoais. Falando de olhares, Gregório de Matos reconhecia, por exemplo: *“Os azuis de porçolana / força é, que pesar me dêem, / que porçolanas não servem, / onde não hei de comer”*⁴⁸.

A gula lhe serviu para traduzir em imagens de forte impacto visual a gama ampla dos sentimentos experimentados pelos homens abastados, que ocupavam seu ócio na conquista de moças alforriadas ou escravas e que comentavam venturas e aventuras quando se reuniam nas varandas das casas para jogar cartas, conversar ou serem banqueteados; situações em que amor, desejos, prazer da conquista, desgosto perante as traições e

⁴⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 491.

⁴⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VII, p. 1594.

⁴⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 473.

⁴⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, p. 453.

⁴⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1129.

desprezo pela venalidade constituíam temas cotidianos: *“introduza-se ao burlesco / nas casas onde se achar. / Que há Donzela de belisco, / que aos punhos se gastará, / trate-lhes um galanteio, / e um frete, que é principal”*⁴⁹.

A questão era viver agradavelmente:

*“Se a morte anda de ronda, a vida trota, / Aproveite-se o tempo, e ferva o Baco, / Haja galhofa, e tome-se tabaco, / venha rodando a pipa, e ande a bota”*⁵⁰.

Moças de boas famílias não eram autorizadas a conviver com os amigos dos pais e dos irmãos que, ao falarem delas, tratavam-nas com toda a cortesia possível:

*“Deu-me a rapariga uns sonhos / tão ricos como ela própria, / sonhava em me regalar”*⁵¹: */ não foi mentira, o que sonha. / Visitou-me sua Avó, / que é mui honrada pessoa, / só quem tem honra, dá honra. / Assim o façam meus Filhos, / como então o fez Macota”*⁵².

Freiras, moças de boas famílias geralmente obrigadas pelos pais à vida monacal sem terem vocação para tanto, para melhor poupar a herança de filhos homens, costumavam ser visitadas e cortejadas. Matos endereçou a algumas delas versos por vezes bastante explícitos: *“Senhora minha: se de tais clausuras / tantos doces mandais a uma formiga, / Que esperai que vos diga, / se não for muchíssimas doçuras”*⁵³.

Existia ainda na colônia um sem número de jovens dispostas a prestar favores sexuais, a troco de quantias destinadas à compra da alforria ou à aquisição de roupas de aparato para freqüentar a Igreja e as festas das irmandades religiosas. Os homens auferiam prestígio ao serem contemplados por amores fugazes e concubinatos, desde que as moças envolvidas evitassem abusar da situação: *“E não sou tão insensato, / que inda que faminto ando, / vos vá o pato pagando, / se sei que outro coma o pato”*⁵⁴.

“Seja solteiro, ou casado, / é questão, é já sabido / não estar sem ter borracha / seja do bom, ou mau vinho. / Em chegando a embebedar-se / de sorte perde os sentidos,

⁴⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VII, p. 1594.

⁵⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1537.

⁵¹ Regalar, dar regalo, o prazer de comer alimentos saborosos.

⁵² MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1521.

⁵³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 870.

⁵⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1493.

/ que deixa a mulher em couros, / e traz os filhos famintos: / mas a sua concubina /há de andar como um palmito”⁵⁵.

Pairava um tom de flerte nas interações correntes entre homens de prol e mulheres de condição inferior. Tanto era que o próprio autor, agradecendo à Susana a cortesia de uma iguaria de peixes, se sentiu na obrigação de lhe dizer: “*Mandai me de carne um pouco / as galinhas, as posturas/ [...]. / Eu tenho grande jactância / de dar minha sustância a quem sustância me dá*”⁵⁶.

Na Cidade da Bahia, no Recôncavo baiano e nas ilhas as ocasiões para galanteios multiplicavam-se:

“Ilha de Itaparica, alvas areias,/ Alegres praias, frescas deleitosas, / Ricos polvos, lagostas deliciosas, / Farta de putas, rica de baleias. // As putas tais, ou quais não são más preias, / Pícaras, ledas, brandas, carinhosas ”⁵⁷.

Por vezes, ao tentar seduzir alguma moça, os comentários do Doutor em leis se faziam bem humorados:

“Se comestes por regalo, / Brites, o caju vermelho, / tomastes mui mau conselho, / e temo, que heis de amargá-lo: / no pomo há de ter abalo / tôda a vossa geração, / pois vós sem comparação / gulosa à Eva excedestes, / quando só por só comestes, / sem dar parte a vosso Adão”⁵⁸.

À Catona, jovem negra linda que não queria ceder a seus apelos, Matos sugeriu:

“Eu là a irei cozinhando [ao pé de um mangue] / de sorte que o vosso dado / com ser de sangue queimado, / não me ande o sangue queimando...”⁵⁹.

Os duplos sentidos propostos costumavam subentender significados chulos, facilmente interpretados pelos colonos a quem Matos recitava os versos, e era essa transposição artística do cotidiano que garantia boa parte da diversão:

⁵⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. I, p. 23.

⁵⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1533.

⁵⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1522.

⁵⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 935.

⁵⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1399.

*“Comi o chouriço cozido / com sossêgo, e sem empenho, / porque outro chouriço tenho / para pagar o comido:/ vós tendes melhor partido, / mais liberal e mais franco, / pois como em real estanco / tal seguro vos prometo, / que por um chouriço prêto / heis de levar o meu que é branco”*⁶⁰.

O poeta gracejava:

*“Lavar a carne é desgraça / em toda a parte do Norte / porque diz, que dessa sorte / perde a carne o sal, e graça / [...] / Se me quereis dar a sopa, / dai-ma com todo sainete ”*⁶¹.

A maioria dos homens costumava se gabar dos “fretes” conseguidos mas, enquanto a honra não estava em jogo, eles não esperavam fidelidades excessivas das amantes:

*“Parti o bolo, Luzia, / que assim mesmo me acomoda, / não deis a fatia tôda, / daí-me parte da fatia: / quem pede, como eu pedia / pede tudo, o que lhe importa, / e aceita o que se lhe corta, / e quem dá com manha ou arte, / seus dados sempre reparte, / se tem mais pobres à porta. // [...] com pouco se alegra o pobre: / não deis cousa, que me sobre, / daí-me sequer um bocado”*⁶².

O poeta, gentilmente consolou Beleta: *“Enxugai, Beleta, o pranto, / em riso se torne a queixa, / comei cajus, e voltai, / que a minha fruta está certa”*⁶³.

Porém, quando a moça despertou seus rancores, metonímias ferozes passaram a desqualificá-la: *“ Beleta é olha podrida, / de que Deus livre meu odre, / se é ardida como é podre, / não vi puta mais ardida”*⁶⁴.

Amásias dos amigos costumavam ser respeitadas:

“Quem, o que deve a um amigo / em respeitos lhe não paga, / não é amigo, nem homem, / é uma bêsta asselvajada. / Mas andar, fôda ele embora, / isso não importa nada, / teremos amôres secos, / seco é o biscouto, e campa. / Falaremos sempre aos

⁶⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 878.

⁶¹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 765.

⁶² MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1496.

⁶³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1442.

⁶⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1439.

*molhos, / e riremos às canadas, / folgaremos, que amor seco / sem molhar beijo se passa*⁶⁵.

Metáforas utilizando hábitos alimentares e ingredientes comestíveis para formular idéias de outra natureza não se restringiram a convites para a conjunção carnal. O corpo humano, gerador de ações sociais, e seus nutrientes proporcionaram elementos a metonímias que desqualificaram muitos inimigos. Nabos, carás, mangarás e quiabos sustentaram, desse modo, um sem número de alusões desabonadoras que transformavam a expressão máxima da virilidade masculina em vegetais inertes e brandos. Matos, por exemplo, não se furtou a gabar ironicamente: *“a imensa grandeza daquele nabo*⁶⁶. Noutro poema ele ressaltou ainda: *“O branco era o escornado / por ter pouco e brando nabo*⁶⁷.

Ele também versejou conflitos presenciados numa chave de frituras rechinando em frigideiras: *“Que Vicência vinha assada / por ver a Marana frita*⁶⁸.

Em sua arte poética, tensões entre honra e desejo foram registradas sob forma de comparações com procedimentos culinários, quando as tarefas femininas do cozer e do coser não se confundiam para sugerir disfarces de hímens deflorados. Dizer que alguém *andava assado* equivalia dizer que queria algo com muito vigor (indicando, aliás, desejos que a cautela teria recomendado evitar): *“o Môço por ela assado, / e ela por ele cozida / [...] / a verdade aqui só conto, / sem lhe acrescentar um ponto / dos que ela no vaso deu. /*⁶⁹. Ataques às mulheres visavam muitas vezes homens que lhes eram aparentados:

*“e é que o Noivo em sua vida / não quis, que o povo malvado / dissesse, que andava assado / por uma mulher cozida. // Se coseu o berbigão, / como diz a gente tôda, / muito a moça me acomoda / para arrais de um galeão*⁷⁰.

O estudo das metáforas alimentares inseridas na obra poética de Gregório de Matos foi motivado por um interesse antropológico nos usos e costumes do Brasil colonial, isto é, por indagações sobre os modos de agir dos colonos soteropolitanos atrelados a formas

⁶⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 570.

⁶⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1234.

⁶⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1117.

⁶⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p. 1124.

⁶⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 729.

⁷⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. V, p.1329.

peculiares de pensamento. Analisar interações sociais corriqueiras e procedimentos de subsistência considerados convenientes implicava enveredar pelos próprios argumentos que davam forma à organização da vida colonial. A pesquisa suscitava questões. Quem eram os colonos lusos que enfrentavam uma crise econômica ameaçadora? Como eles definiam sua própria identidade? Como eram tratados pelas autoridades coloniais e pelas autoridades metropolitanas? Em que medida podiam ser diferenciados da população portuguesa de origem? Como reagiam ao processo de mestiçagem que ia ocorrendo paulatinamente no seio da sociedade colonial que estavam constituindo? Os hábitos alimentares espelhavam as idéias que norteavam as ações e ofereciam um fio de meada indireto para entendê-los.

Os versos de Gregório de Matos continham informações pontuais sobre hábitos alimentares em uso na colônia. O poeta, por exemplo, revelava indiretamente um apreço colonial pelas açordas portuguesas: “*Helena, a cu de borralho, / asmática, porém gorda, / se ensopou como uma torda na sorda de vinho, e alho*”⁷¹. Práticas apresentadas sob forma de metáforas que mesmo sem pretender descrever o cotidiano, referiam-no, apontavam saberes amplamente difundidos na sociedade soteropolitana. Os comentários jocosos demonstravam a recorrência de escolhas alimentares e possibilitavam traçar um panorama razoavelmente acurado das preferências do gosto naquele universo social. Entre os gêneros comestíveis celebrados sobressaía o vinho: “*Na nova Jerusalém, / na nossa Cidade Santa, / onde São Francisco planta / mais virtudes que ninguém: / veio sobre um palafrém / um Rabi rubi empipado, / que por nos ser prometido, / foi com ramos aplaudido, / e entre palmas festejado*”⁷².

As carnes que os soteropolitanos seiscentistas apreciavam eram exatamente aquelas que Matos associava ao entrudo: “*galinhas, porco, vaca e mais carneiro*”. Havia também “*perus em poder do Pasteleiro*”⁷³. As atas da Câmara Municipal discutiam efetivamente os critérios de sua venda ao público. A privação de carne, nos dias em que a Igreja proibia comer quadrúpedes de sangue quente ou na quaresma, foi freqüentemente traduzida em brincadeiras: “*ouvi dizer em um dia / (e é rifão dos Mazombos) / que a carne é, que cria os lombos / e não peixe de água fria*”⁷⁴. Bem-humorado o poeta observava também: “*e com*

⁷¹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, 629. (açorda : sopa lusa de pão embebido com caldo).

⁷² MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, pp. 1485 e 1486.

⁷³ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 580.

⁷⁴ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1534.

*ser dia de peixe, / sem que a consciência se queixe, / todos gostamos da vaca*⁷⁵. Por vezes até mesmo o peixe se fazia inacessível: *“pois querendo mandar-me um / vermelho uma Freira guapa / vós me destes sem ser paga / êsse dia de jejum*”⁷⁶. Ressaltava, ao que parece, um escalonamento das variedades de peixes preferidos: *“Na praça comerei um salmonete singular, / e aqui não quero trocar / a Cioba pelo Atum*”⁷⁷.

Algumas estrofes de poemas sublinhavam detalhes de outra forma inacessível, tais como os cortes usuais da carne bovina. Censurando uma mulher pelos quatro amantes que costumavam freqüentar sua casa, Matos decretava:

“A mim me tem parecido, / por fugir pesares artos, / que um algoz vos faça em quartos, / que o tendes bem merecido: / e que cada qual Cupido / o que leva e o que atraca, / da vossa carne velhaca / leve um quarto por partilha, / e dos quartos a quadrilha / como irmãmente da vaca. // Para repartir-vos bem / entre os quatro quadrilheiros, / tirem-se os quartos inteiros / soa, coxão, alcatra, acém: / e se entre êles houver quem, / vos dê mais prazer, e gôsto, / êsse leve o entrecosto, / a alcatra, quem bem vos quer, / o acém, o que mais vos der, / e o coxão a todo o posto”⁷⁸.

Ocasionalmente, poemas obscenos enfatizavam elementos inesperados como o apreço dos colonos pelas carnes de animais saudáveis que continham uma boa proporção de gorduras. A repulsa dos colonos pelos animais abatidos doentes serviu de esteio a uma sátira de caráter assaz duvidoso. Matos ridicularizou, num de seus poemas, um frade que, cortejando uma moça, a ultrajou e recebeu um mimo em troca, uma panela de doces que uma vez aberta revelou uma matéria-prima muito menos nobre que o açúcar:

“Dos cagalhões afamados / diz esta plebe inimiga, / que eram de ouro de má liga / não dobrões, porém dobrados: / aos Fradinhos esfamiados, / que abrindo a panela estão, / daí por cabeça um dobrão / [...] Se os cagalhões são tão duros, / tão gordos, tão bem dispostos, / é porque hoje foram postos, / e ainda estão mal maduros: / [...] é de crer que abrandem mais, / porque a Môça cristãmente / não quer, que quebrei um dente, / mas deseja que os comais”⁷⁹.

⁷⁵ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, p. 600.

⁷⁶ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, p. 872.

⁷⁷ MATOS, G. Op. Cit., Vol. VI, p. 1460.

⁷⁸ MATOS, G. Op. Cit., Vol. IV, pp. 983.

⁷⁹ MATOS, G. Op. Cit., Vol. II, pp. 317 e 318.

Em geral os subentendidos inseridos nos poemas de Matos correspondiam a procedimentos usuais. Descrevendo um banquete oferecido por Domingos Borges nos arredores de Salvador, o poeta versejou: “*E houve repolho fatal / ensopado, e não de azeite / com pratos de arroz de leite e vontade garrafal*”⁸⁰. De fato, durante a investigação constatou-se a existência de um dito ibérico comentado por Rafael Núñez Florêncio: “*Dicen que el arroz, que nace en agua, debe morir en vino*”⁸¹.

A crer nos poemas de Matos, os colonos lusos apreciavam cozidos, açordas, saladas, ovos preparados de diversas maneiras, galinhas de cabidela, tortas com recheio de carne, pastéis, paios, lingüiças e morcelas, queijos do reino, peixes em escabeche, repolhos com azeite, arroz de leite, legumes e hortaliças com pimenta e ainda diversas iguarias doces: sonhos, ambrosias, fatias, mal assadas, frutas cozidas em açúcar e frutas frescas, por vezes acompanhadas de melado ou de farinha de mandioca. No que dizia respeito à farinha de mandioca e as pimentas, a farinha de milho e os feijões, eles pareciam incorporadas à dieta alimentar, no entanto, quando o poeta mencionava tigelas de angus, mingaus de carimã, ou moquecas, a referência adotava um tom marcado pela galhofa e o desdém. Os biscoitos, mas sobretudo o pão e o vinho, eram muito mais apetecidos. E mesmo nas festas de irmandades de mulheres negras ou mulatas que dispunham de posses modestas, os cozidos de carnes e de legumes eram servidos acompanhados de pão.

Se, em meados do século XVI, as primeiras gerações de colonizadores incorporavam ingredientes comestíveis brasileiros aos cardápios locais sem se considerarem desprestigiados por tais consumos, parece que, já no final do século seguinte, quando a dinastia de Bragança experimentava alguma desconfiança em relação à lealdade de colonos nascidos no Brasil, a dieta alimentar da população soteropolitana, em lugar de dar maior vazão à criatividade culinária e valorizar os alimentos exóticos, enrijeceu a ortodoxia. Em tempo de quaresma, o poeta bem podia desejar comer um lombo de tatu, animal, que, uma vez caçado, seria provavelmente cozinhado e temperado à moda portuguesa. O processo de ajustamento dos colonos à terra não parece ter seguido o curso de uma deslusitanização progressiva norteadas pelas cozinheiras escravas nativas ou

⁸⁰ MATOS, G. Op. Cit., Vol. III, pp. 587 e 588.

⁸¹ NÚÑEZ, Rafael Florêncio. Con la salsa de su hambre: los extranjeros ante la mesa hispana. Madrid, Alianza Editorial, 2004. pp. 68 a 71.

africanas, que substituíam as mulheres portuguesas no domínio do fogão. Seria talvez mais adequado caracterizar as mudanças na dieta apenas como ocorrências de uma desmediterraneização pragmática da alimentação, resultante de dificuldades na obtenção de quantidades suficientes de farinha de trigo, de vinho e de azeite de oliva, gêneros alimentícios que fundamentavam a dieta ibérica de origem. O aproveitamento de recursos alimentares brasileiros não anulou o vínculo das elites locais com o universo luso. Tanto é que foram as considerações lusas sobre a fisiologia dos corpos e seus humores, o respeito a preceitos religiosos católicos e noções de nobreza provenientes da sociedade portuguesa que deram forma e substância a uma visão de mundo colonial marcada pela procura de diferenciações entre homens bons e homens do povo.

Analisar as metáforas que Gregório de Matos criou em torno de hábitos alimentares apontou, portanto, duas tarefas distintas de investigação. Por um lado, a escolha de práticas alimentares costumeiras desvendou um campo inesperado e rico de relato etnográfico sobre a vida colonial, apesar do caráter fragmentário dos dados apresentados. Por outro lado, foi necessário levar em conta o fato da linguagem metafórica visar a descrição de uma utopia social, já que citar hábitos alimentares permitiu ao poeta criticar membros da sociedade colonial, cujas condutas afrontavam as elites tradicionais às quais ele pertencia pelo nascimento e a formação acadêmica, senão pela riqueza.

Versejando um elenco de gestos cotidianos impregnados de valores morais, era aos fundamentos de uma concepção local de mundo que Matos se referia, mas ele demonstrava também, ao se queixar, a ocorrência de mudanças no tratamento dispensado pela metrópole aos produtores soteropolitanos de açúcar que renunciavam distanciamentos futuros. Não se justificaria, por conseguinte, considerar a visão de mundo de uma camada da sociedade colonial, ameaçada em suas prerrogativas, como uma manifestação específica de pensamento brasileiro. Seria mais adequado atribuí-la ao pensamento de colonos que se desejavam lusos mas que começavam a experimentar sérias dificuldades para serem reconhecidos como tais. O desprezo, por exemplo, que Matos manifestava pelos mestiços ou pelos comerciantes, formulando insultos que seus ouvintes pareciam aprovar, já comprovava a existência de diferenças.

Bibliografia

- HANSEN**, A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2ª ed., São Paulo, Atelier Editorial / UNICAMP., 2004.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro, 12ª ed., José Olympio, 1978.
- _____. (Org.). História geral da civilização brasileira - “A época colonial”, 2 Vol., Rio de Janeiro / São Paulo, Difel, 1977.
- LEACH**, Edmund. “*Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal*”, In **DA MATTA**, Roberto. Edmund Leach, Antropologia, São Paulo, Ática, 1983.
- MATOS**, Gregório de. Crônicas do viver baiano seiscentista. Obra completa de Gregório de Matos, 7 Vol., Amado, James (Org.). Bahia, Ed. Universitária, sem data.
- MELLO**, Evaldo Cabral de. A fronda dos Mazombos: nobres contra mascates. Pernambuco 1666 – 1715. São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- MORAES**, Antônio da Silva Diccionario da língua portugueza. 2 tomos. Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1813.
- NÚÑEZ**, Rafael Florêncio. Con la salsa de su hambre: los extranjeros ante la mesa hispana. Madrid, Alianza Editorial, 2004.
- PERES**, Fernando da Rocha. Gregório de Mattos Guerra – uma re-visão biográfica. Salvador, Macunaíma, 1983.
- _____. Gregório de Mattos e a Inquisição. Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1987.
- _____. Gregório de Mattos: o poeta devorador, Rio de Janeiro, Manati, 2004.
- _____. A família Mattos na Bahia do século XVII. Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1988.
- POULAIN**, Jean-Pierre. Sociologias da alimentação. Florianópolis, Ed. UFSC, 2004.
- QUEVEDO**, Francisco de. Quevedo: Antologia poética. Ed. introdução e notas de José M. Pozuelo, Barcelona, RBA, 1994.
- RABELO**, Manuel Pereira de. “*Vida do excelente poeta lírico, o doutor Gregório de Matos Guerra*”, in **MATOS G**, Crônicas do viver baiano seiscentista: obra completa de Gregório de Matos. Vol. VII, pp. 1689 – 1721.
- SOUZA**, Antônio Cândido de Mello e. Formação da Literatura Brasileira. BH / RJ, Itatiaia, 9ª ed., 2000.